



MONUMENTOS E ESPAÇO URBANO NA AMÉRICA LATINA

MONUMENTS AND URBAN SPACE IN LATIN AMERICA

Resumo: Este material didático é o resultado de uma avaliação feita para a disciplina História da América Independente I, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Gabriela Pellegrino Soares, no Departamento de História da Universidade de São Paulo. O conteúdo atravessa os temas da urbanização, da memória e dos monumentos em cidades latinoamericanas desde o século XIX até os atuais debates sobre a derrubada e substituição de homenagens públicas. Seu uso é direcionado a professores e alunos de Ensino Médio e Cursinho Popular, por isso incluímos questões de múltipla escolha de vestibulares passados e questões dissertativas elaboradas exclusivamente para este material.

Monumentos Históricos; América Latina; Espaço Urbano; Educação popular

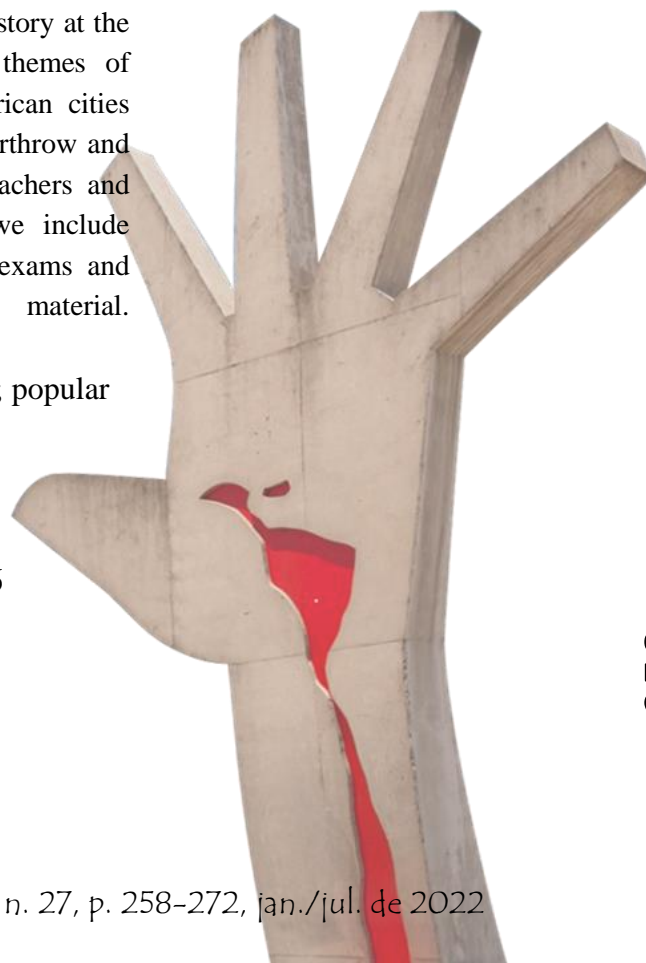
Abstract: This didactic material is the result of an assessment made for the discipline History of Independent America I, taught by Prof. Dr. Gabriela Pellegrino Soares, at the Department of History at the University of São Paulo. The content crosses the themes of urbanization, memory and monuments in Latin American cities from the 19th century to the current debates on the overthrow and replacement of public tributes. Its use is aimed at teachers and students of High School and Popular Course, so we include multiple-choice questions from past college entrance exams and essay questions designed exclusively for this material.

Historical monuments; Latin America; Urban space; popular education

Adriana Gomes Ferreira
Graduada em História pela
Universidade de São Paulo (USP)
drigomesfer@gmail.com

Enzo Snitovsky Onodera
Graduado em História pela
Universidade de São Paulo (USP)
enzo.onodera@usp.br

 <https://doi.org/10.4013/rlah.2022.1127.16>



INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o debate sobre a derrubada de monumentos públicos tem estado presente na mídia, nas redes sociais e no círculo acadêmico. Mas, afinal, por que os monumentos existem? As polêmicas que eles geram são exclusivas dos tempos atuais?

Antes de tudo, voltemos à França do século XIX. Este é um momento de reformulação na paisagem urbana. As tecnologias de transporte passaram por grandes transformações com a implantação das primeiras linhas férreas na Europa. A organização das cidades mudou, e o mundo das muralhas teve seu fim. Em seu lugar, nasceram as grandes avenidas destinadas às caminhadas, e nelas, os monumentos se tornaram peças centrais da decoração urbana. Essa nova forma de encarar a cidade nascida na França passou a ser associada ao avanço cultural e ao progresso da civilização, de modo que a tendência foi rapidamente difundida na América Latina.

Lembremos que o século XIX foi um período de profundas mudanças políticas em escala global e o momento de eclosão de guerras de libertação na América Latina. Nesse momento, os monumentos adquirem o papel de ferramentas pedagógicas na mão de Estados que buscavam se afirmar. A ideia de uma cidade moderna esteve vinculada ao seu papel como retrato dos valores e caminhos da nação, unindo o patriotismo a uma visão pedagógica do espaço público semelhante a um museu a céu aberto. Mas a formação dessas nações americanas não escapou a conflitos, como veremos a seguir.

CONTEXTO

No período colonial, a Espanha dividiu as regiões americanas que estavam sob seu poder em entidades políticas conhecidas como vice-reinos. As regiões comportavam populações diversas, povos indígenas em sua maioria, que pagavam tributos específicos ao rei e estavam sujeitos a formas de trabalho exploratórias, como a *mita* (trabalho obrigatório nas minas). Escravizados africanos e afrodescendentes também estavam disseminados pela colônia espanhola, mas em menor quantidade. Já a elite local era composta pelos *criollos*, americanos descendentes de espanhóis.

Uma sociedade que incorpora tamanhas diferenças vive tensionada. Os *criollos* temiam as camadas populares, cujo ressentimento gerava constantes rebeliões. As causas que levaram aos movimentos independentistas ainda são discutidas por historiadores, no entanto, há certo consenso de que a captura do rei espanhol Fernando VII pelas tropas de Napoleão, em 1808, levou à fragilização do poder da Coroa nas Américas. É nesse período que se formam juntas de governo compostas pela elite local em diversas cidades da América Espanhola, como Buenos Aires e Caracas. O movimento ganha força, caminha para a luta armada e o mundo colonial divide-se entre os rebeldes e os defensores da Coroa. Cada região teve suas particularidades, mas a configuração política das Américas mudou completamente até 1824, com o nascimento de diversos Estados independentes.

As primeiras décadas de independência foram de grande instabilidade, com propostas conflitantes sobre o futuro dos países. Em geral, as nações da América Espanhola optaram pelo regime republicano, mas ainda existiam defensores do sistema monárquico. Ao mesmo tempo, embates específicos a cada novo país também surgiam: na Argentina, por exemplo, o conflito dividiu-se entre unitários, que defendiam a centralização política em Buenos Aires, e federalistas, que propunham a autonomia das províncias. Contudo, a participação popular no campo político foi temida e rejeitada pelos grupos dirigentes de modo geral. Quaisquer revoltas e levantes movidos por insatisfações sociais eram reprimidos e contidos pelas elites políticas do contexto.

Percebemos, assim, que este momento histórico foi marcado por uma profunda fragmentação, tanto no continente, como no interior dos novos países. A ideia de uma América Espanhola unida sob um só governo não se concretizou, dando origem em seu lugar a diversos novos Estados. Dentro deles, grupos distintos batalharam pelo controle político e pela própria narrativa sobre a história, impactando consequentemente a construção de monumentos públicos. Não era incomum que projetos ficassem pela metade ou mesmo fossem cancelados por não serem coerentes com a visão política e histórica do novo grupo que subia ao poder. Para melhor entendermos os impactos dessas disputas na construção de monumentos, analisemos algumas características da própria memória.

A MEMÓRIA É VIVA

A memória construída sobre um monumento ou um personagem histórico se altera com o tempo. Mas o que isso quer dizer?

Vejamos o exemplo da Venezuela, o primeiro território da América Hispânica a declarar sua independência, em 1811. Esse período inicial foi marcado por fortes ataques dos defensores da realeza espanhola, o que levou a libertação a se consolidar apenas em 1821. Tal conquista decorre de insurreições emancipacionistas que tiveram uma liderança militar de destaque: Simón Bolívar. O general lutou pela independência de diversos países hispano-americanos e, na Venezuela, ficou conhecido como El Libertador, tornando-se o grande herói nacional. Sonhou com uma América Latina unida e livre dos horrores da colonização.

As ideias cultivadas pelo general caraquenho ainda vivem após quase dois séculos de sua morte. Mas essas ideias se mantêm intactas? Como elas se encaixam nos novos tempos?

Analisemos o exemplo do discurso de Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela. Ao longo de seus três mandatos, entre 1999 e 2013, Chávez levantou a bandeira do “bolivarianismo” energicamente. Narrou um Bolívar defensor da liberdade, democrático e comprometido com as causas sociais. Essa figura era conveniente a Chávez, já que a questão central de seu projeto político era transformar a “democracia representativa” em uma “democracia participativa”, ampliando a participação popular no governo.

Entretanto, o autêntico e histórico Bolívar é mais controverso. Leiamos trechos de duas cartas suas, a **Carta da Jamaica**, de 1815, e o **Manifesto de Cartagena**, de 1812:

Temo que os sistemas inteiramente populares, longe de nos serem favoráveis, venham a ser nossa ruína, enquanto nossos compatriotas [latino-americanos] não adquirirem os talentos e as virtudes políticas que distinguem nossos irmãos do Norte.

As eleições populares feitas pelos camponeses rudes e pelos intrigantes moradores das cidades acrescentam mais um obstáculo à prática da federação entre nós: os primeiros são tão ignorantes que votam maquinalmente e os outros tão ambiciosos que transformam tudo em facção.

Os contrastes entre o autor dessas cartas e o homem que Hugo Chávez descreve são espantosos. O histórico Bolívar deixou diversos escritos, e neles revela uma face bastante autoritária. O general do século XIX centralizou a própria imagem a fim de tornar-se um símbolo da unidade latino-americana. Diferentemente da memória que Chávez propaga em seu discurso, a imagem cultivada por *El Libertador* sobre si é a de um homem contrário à democracia na América Latina, porque teme a ampla participação popular.

Fica claro, então que a memória é mutável, é construída e reconstruída com o passar do tempo. Agora voltemos um pouco aos monumentos: o que vem à sua mente quando você pensa sobre esse termo? Provavelmente um objeto sólido, imóvel e grandioso. Como vimos no tópico anterior, o monumento é a materialização de um discurso no tempo, a representação da memória de um grupo, que se esforça para oficializá-la.

» Um pedestre passa em frente a um mural que retrata o falecido Hugo Chávez, Simón Bolívar e Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, no bairro Palo Verde, de Caracas, Venezuela.

Foto: Carlos Becerra. © 2019 Bloomberg



Como a memória está sempre em movimento, é natural se pensar que esses discursos cristalizados sejam contestados por grupos de diferentes locais e diferentes épocas. Afinal, a memória é um campo de batalha no qual vários grupos lutam para legitimar a sua versão sobre a história do país e do povo. Falaremos sobre isso um pouco mais no próximo tópico.



3.out.2013 - Monumento às Bandeiras pintado com tinta vermelha e pichado após protesto. Foto: Paulo Whitaker/Reuters/UOL.

POLÊMICAS

As narrativas representadas por monumentos públicos não são neutras, e muitas vezes entram em conflito com as mudanças sofridas pela memória. A discussão sobre a validade e a importância de monumentos urbanos esteve sempre presente na história da América Latina, mas também é muito marcante na vida urbana atual.

Um exemplo no nosso país é o **Monumento às Bandeiras**. Localizada em São Paulo, a escultura foi alvo de várias manifestações. Em 2013, além de ter sido coberta por tinta vermelha, a frase “bandeirantes assassinos” foi nela pichada. O monumento é frequentemente criticado por louvar as expedições bandeirantistas, responsáveis pela exploração da mão de obra indígena e africana. A crescente importância dada a essas discussões é um reflexo do aumento de movimentos antirracistas e em defesa de minorias em várias cidades do mundo. Para muitos, a manutenção de alguns monumentos não faz sentido, já que as personagens homenageadas representam um passado de opressão, perseguição e violência.

A monumentalização de figuras que um dia foram tratadas como referências de valores patrióticos e heróicos tem passado, mais uma vez, por um processo de revisão. No entanto, a maneira como devemos lidar com essas representações é motivo de grandes polêmicas. Vejamos algumas ideias de três historiadores brasileiros envolvidos no debate público sobre o tema:

Paulo Garcez Marins

Para o portal UOL, Marins diz: a solução não é derrubar o monumento, pois isso não faz com que o problema suma. O que a sociedade precisa fazer é pensar no porquê dessas estátuas existirem, precisamos aprender a problematizá-las. Para incentivar essa discussão sobre a memória, o ideal é colocar um texto explicativo junto ao monumento.

Larissa Ibúmi Moreira

Para o portal Ponte.org, Moreira defende: monumento que homenageia uma opressão deve ser derrubado. Sua construção e preservação são escolhas de um grupo e demonstram o que é aceito como valores e identidade da sociedade. Existem interesses nessa escolha: não há, por exemplo, senzalas preservadas como crítica à escravidão no Brasil. No caso de um patrimônio histórico, deve se preservar, mas é justa uma intervenção que marque a memória apagada.

Lilia Schwarcz

Em seu canal no Youtube, Schwarcz diz: não devemos destruir os monumentos públicos, e sim politizá-los. Devemos ver a violência por trás dessas homenagens. Uma alternativa é construir, ao lado das estátuas, obras que tensionem a mensagem passada, obrigando as pessoas a pensarem sobre isso. Outra alternativa é realocar as estátuas e preservá-las em um museu. Além disso, a discussão não para nos monumentos: precisamos ressignificar os nomes das ruas, viadutos, avenidas e tudo mais que diz respeito ao espaço público.

EXEMPLOS DE MONUMENTOS

Com os debates expostos até agora em mente, vejamos alguns exemplos de monumentos na América Latina.

Monumento a Roca



Foto: Ceferino Mazzoleni © 2013 Flickr

O que é representado pela escultura? Há alguma alteração em sua superfície?

Essa estátua é bastante literal, representa um militar montado em seu cavalo. Há um nome entalhado no pedestal: Roca. Sem nenhuma informação a mais, podemos imaginar que se trata de um personagem ilustre, talvez um líder político ou militar. Entretanto, é possível notar também que a estátua sofreu algumas intervenções. Na base da escultura e nos olhos do cavalo, vemos pichações. O que isso significa?

A estátua retrata o controverso **Julio Argentino Roca**, presidente da Argentina de 1880 a 1886, e de 1898 a 1904. Roca foi responsável por acordos de paz com nações vizinhas, como Brasil e Chile, e consolidou o território argentino.

Como Ministro da Guerra e Marinha, entretanto, Roca comandou a Campanha do Deserto, missão militar que buscava expandir o território argentino ao Sul, e que levou ao extermínio e à realocação de grande parte da população indígena Mapuche que vivia no local.

Além disso, a estátua localiza-se em **San Carlos de Bariloche**. A cidade divide-se entre uma zona central de alto padrão marcada por prédios europeus, e a periferia, conhecida como Alto, na qual vivem indivíduos de classe baixa e uma considerável população indígena. As intervenções na estátua ocorrem desde o final do século XX e representam a indignação da população periférica em ver, no centro da cidade, uma homenagem à personagem responsável pelo extermínio em massa dos Mapuche.

Nesse caso, o grafite funciona como válvula de escape para tensões históricas ao redor da imagem de Roca. Quem vive em espaços urbanos costuma conhecer bem esse tipo de intervenção. Você já viu alguma construção da sua cidade coberta por pichação ou grafite? Essa marca no espaço público é uma forma de se rebelar contra algo ou alguém justamente por ser proibida. Há defensores dessas manifestações, mas também há quem veja isso apenas como atos de vandalismo. Você já pensou sobre o significado dessas intervenções e a motivação das pessoas responsáveis por elas?

Monumento Dos de Mayo

Observe as fotos a seguir:



Monumento Dos de Mayo, s/d. Museo Metropolitano de Lima. “Plaza Dos de Mayo”. AHF/Pla/52.



Plaza Dos de Mayo. Foto: Rafael Dias Scarelli, julho de 2017.

Sem saber qual é o contexto, o que esse monumento lembra? O que chama a atenção? Qual é a diferença entre as duas fotografias?

A obra acima apresenta elementos menos literais do que o exemplo anterior. O que talvez mais chame a atenção é sua altura, que a faz se sobressair em relação aos prédios mais próximos. Essa vistosa escultura, inaugurada em 1874, é uma homenagem ao **Combate Dos de Mayo**, confronto ocorrido em 1866 entre a esquadra naval espanhola e as repúblicas de Peru, Chile, Equador e Bolívia. Na ocasião, a região portuária do Callao foi bombardeada, resultando na morte do Secretário de Guerra do Peru, o coronel José Gálvez. Segundo o historiador Rafael Dias Scarelli, o militar seria homenageado com uma estátua no alto da coluna, porém o projeto foi substituído por uma figura que simboliza a vitória. Na base, foram colocadas figuras femininas representando cada uma das quatro repúblicas da aliança americana.

A escolha por figuras alegóricas, como a vitória e as repúblicas, buscava transformar o monumento em uma representação de um ideal americanista, com o Peru na liderança. O local passou a ser chamado de **Plaza Dos de Mayo** e tornou-se um espaço de comemoração patriótica anual. O governo desejava um público com posturas respeitadas, com olhares de admiração e distanciamento frente aos traços patrióticos do monumento. No entanto, a população limenha se apropriou do espaço de diversas formas. O local tornou-se inclusive um ponto de concentração para manifestações de ordem política e social.

Atualmente, o caos urbano afetou a acessibilidade ao monumento. Como podemos ver nas fotografias, a escultura ficava em um espaço de ampla passagem, enquanto hoje em dia encontra-se cercada por avenidas de fluxo intenso. Entre a população local, predomina a indiferença, mas o monumento não deixa de fazer parte da dinâmica da cidade. É possível perceber essa mudança na relação entre a cidade e seus monumentos também no Brasil? Pense na sua cidade: há algum monumento nela? Se sim, você sabe o seu significado? Ele tem algum impacto na vida cotidiana, ou sua presença passa despercebida?

Bandeira do Estado de São Paulo

Analisemos agora um terceiro símbolo monumental que, comparado aos exemplos anteriores, tem um significado consideravelmente mais abstrato. Veja:



Ilustração da Bandeira Estadual de São Paulo.

Você provavelmente conhece a Bandeira Estadual de São Paulo. Pode ser vista no topo de prédios, nas escolas e em anúncios do Governo Estadual. Entretanto, quão conhecido é o seu significado? Com o que ela se parece? O que você acha que simbolizam as suas cores?

Criada em 1888 pelo jornalista Júlio Ribeiro, foi pensada como símbolo republicano para substituir a antiga bandeira imperial do Brasil. Seu formato foi baseado na bandeira dos Estados Unidos da América, e suas cores evocam um elemento central da construção da nacionalidade brasileira: **o mito das três raças**.

As cores vermelha, preta e branca representam a identidade do povo brasileiro, segundo escreveu Karl Von Martius, em 1845, em sua tese **“Como se deve escrever a História do Brasil”**:

São porém êstes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de côr de cobro ou americana, a branca ou Caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a actual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho particular.

Essa tese foi vencedora de um concurso do recém criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e a leitura do restante da obra demonstra que, para o autor, a união das três raças tem o branco português como o elo dominante, seguido de influências menores e passivas dos povos indígenas e africanos.

Agora lembremos do que já foi dito no começo deste capítulo: o século XIX é o momento de construção das narrativas patrióticas. A tese de Martius representa exatamente isto, a construção de uma narrativa sobre o povo e a nação brasileira. O símbolo de São Paulo acima, portanto, é a transformação desse discurso em uma imagem, já que o objetivo de uma bandeira é resumir elementos essenciais da identidade de um grupo em uma pequena ilustração. Por mais que não seja uma estátua de um líder, ou um totem no centro da cidade, a bandeira é um item monumental tão ou mais importante do que os outros.

Ficam, então, as questões: esse símbolo representa uma visão de sociedade que faz sentido nos dias atuais? Se não, por que esse monumento não é contestado da mesma forma que outros expostos neste capítulo?

CONCLUSÃO

Com os três exemplos que analisamos, percebemos que o termo “monumento” abrange tipos muito diversos de homenagens: desde as mais literais, como as estátuas de grandes líderes, até as mais abstratas, como as bandeiras e os brasões. Polêmicas são comuns em todos esses níveis, mas a maneira de lidar com essas diferentes representações pode variar. No caso de uma bandeira, não é muito difícil de se pensar em uma ressignificação das cores, sem que seja necessário alterar o conteúdo representado. Já no caso de estátuas, o debate é muito mais complexo, como vimos no começo do capítulo.

Não podemos esquecer que essas polêmicas não são exclusivas da atualidade. A luta pela memória é perene, e a briga pelo controle da história está presente desde o processo de formação das nacionalidades na América Latina. Devemos lembrar também que nem sempre a forma como as pessoas se relacionam com os monumentos corresponde àquilo que seus idealizadores imaginavam. Por vezes, o significado grandioso da origem se perde. Em seu lugar, o monumento torna-se apenas um ponto de referência, mais um elemento da paisagem urbana. Mesmo assim, essas homenagens podem ter profundos impactos nos diversos grupos da sociedade e, como ressalta a historiadora Larissa Ibúmi Moreira, funcionar como experiência emocional capaz de garantir autoestima ao grupo que se vê ali representado - ou ferir aqueles que se veem excluídos.

O debate na atualidade é complexo, e pensar em soluções exige levar em conta as particularidades de cada monumento. No caso da escultura a Roca, sua substituição pode ter um impacto na representatividade, mas pensemos na organização do espaço urbano, na desigualdade que divide os moradores da região central e da periferia. Quão significativa seria a derrubada do monumento frente aos demais problemas históricos que assolam as populações indígenas da região? Além disso, se o monumento a Roca for trocado, seria simples colocá-lo em museu com textos para problematizá-lo, mas imagine fazer o mesmo com a coluna *Dos de Mayo*. Com seus vinte metros de altura, como seria possível o transporte e a realocação?

Assim, devemos considerar que não há uma solução única para essas polêmicas, por isso o debate se faz constante e necessário.

EXERCÍCIOS

1. (Vunesp 2017) No movimento de Independência atuam duas tendências opostas: uma, de origem europeia, liberal e utópica, que concebe a América Espanhola como um todo unitário, assembleia de nações livres; outra, tradicional, que rompe laços com a Metrópole somente para acelerar o processo de dispersão do Império.

(Octavio Paz. O labirinto da solidão, 1999.
Adaptado.)

O texto refere-se às concepções em disputa no processo de Independência da América Latina. Tendo em vista a situação política das nações latino-americanas no século XIX, é correto concluir que

- a) os Estados independentes substituíram as rivalidades pela mútua cooperação.
- b) os países libertos formaram regimes constitucionais estáveis.
- c) as antigas metrópoles ibéricas continuavam governando os territórios americanos.
- d) o conteúdo filosófico das independências sobrepôs-se aos interesses oligárquicos.
- e) as classes dirigentes nativas foram herdeiras da antiga ordem colonial.

2. (Fuvest 2002) O processo de modernização na América Latina (1870-1914) está associado

- a) à pluralidade de partidos políticos, à ampla participação popular e à industrialização.
- b) à organização sindical, à construção de estradas de ferro e à reforma agrária.
- c) às reformas urbanas, ao estímulo à cultura letrada e à chegada da eletricidade.
- d) ao sufrágio universal, à vigência de leis trabalhistas e à expansão da criação de universidades.
- e) ao poder crescente da Igreja, à limitação de capitais externos e à dinamização do sistema bancário.

3. (UFU 2010) Observe, nas fotos abaixo, a presença constante da imagem de Simón Bolívar nas aparições de Hugo Chávez na imprensa.



Acima: com Evo Morales, presidente da Bolívia. Abaixo: com Raphael Corrêa, presidente do Equador. Fotos AFP.

Considerando a relação de Hugo Chávez com a história nacional da Venezuela, é correto afirmar que este:

- a) Estabelece o consenso político no âmbito nacional, ao resgatar a memória e a imagem de um herói da independência antes desconhecido e desvalorizado pela tradicional narrativa nacional venezuelana.
- b) Inicia em seu governo um bolivarianismo de cunho popular, ao resgatar o caráter libertador de Simón Bolívar e dele se apropriar para defender o projeto de América Latina unida e emancipada economicamente.
- c) Resgata o socialismo de Simón Bolívar, identificado com o caráter popular da independência da América hispânica e com o ideário de uma América Latina unida contra o imperialismo norte-americano.
- d) Privilegia a imagem de Simón Bolívar no panteão de heróis da independência para a realização do seu projeto neoliberal e para a implementação das metas da Revolução Bolivariana.

4. (Unicamp 2016) As revoluções de independência na América hispânica foram, ao mesmo tempo, um conflito militar, um processo de mudança política e uma rebelião popular.

(Rafael Rojas, Las repúblicas de aire. Buenos Aires: Taurus, 2010, p. 11.)

São características dos processos de independência nas ex-colônias espanholas na América:

a) o descontentamento com o domínio colonial e a agregação de grupos que expressavam a heterogeneidade étnica, regional, econômica e cultural do continente.

b) o caudilhismo, sob a liderança política crioula, e o discurso revolucionário de uma nova ordem política, que assegurou profundas transformações econômicas na América.

c) uso dos princípios liberais de organização política republicana e a criação imediata de exércitos nacionais que lutaram contra as forças espanholas.

d) a participação de indígenas e camponeses, determinante para a consolidação do processo de independência em regiões como o México, e sua ausência nas ações comandadas por Bolívar.

5. (Vunesp 2015) Era o fim. O general Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios ia embora para sempre. Tinha arrebatado ao domínio espanhol um império cinco vezes mais vasto que as Europas, tinha comandado vinte anos de guerras para mantê-lo livre e unido, e o tinha governado com pulso firme até a semana anterior, mas na hora da partida não levava sequer o consolo de acreditarem nele. O único que teve bastante lucidez para saber que na realidade ia embora, e para onde ia, foi o diplomata inglês, que escreveu num relatório oficial a seu governo: “O tempo que lhe resta mal dá para chegar ao túmulo.”

(Gabriel García Márquez. O general em seu labirinto, 1989.)

O perfil de Simón Bolívar, apresentado no texto, acentua alguns de seus principais feitos, mas deve ser relativizado, uma vez que Bolívar

a) foi um importante líder político, mas jamais desempenhou atividades militares no processo de independência da América Hispânica.

b) obteve sucesso na luta contra a presença britânica e norte-americana na América Hispânica, mas jamais conseguiu derrotar os colonizadores espanhóis.

c) defendeu a total unidade das Américas, mas jamais obteve sucesso como comandante militar nas lutas de independência das antigas colônias espanholas.

d) teve papel político e militar decisivo na luta de independência da América Hispânica, mas jamais governou a totalidade das antigas colônias espanholas.

e) atuou no processo de emancipação da América Hispânica, mas jamais exerceu qualquer cargo político nos novos Estados nacionais.

6. Os trechos abaixo foram extraídos da obra *Facundo: Civilização e Barbárie*, de Domingo Faustino Sarmiento, intelectual e presidente da Argentina entre 1868 e 1874. O livro, publicado em 1845, foi escrito durante o exílio de Sarmiento no Chile, e representa as visões do autor sobre a Argentina do período. Leia os trechos selecionados do capítulo VII do livro e discuta o que for pedido nas questões seguintes.

Em cada quadra da sucinta cidade, há um soberbo convento, um monastério ou uma casa de beatas (...). O habitante de Córdoba estende os olhos ao seu redor e não vê o espaço: (...) sai pelas tardes a passear, e no lugar de ir e vir por uma rua de álamos, espaçosa e grande como o canal de Santiago, (...) dá voltas em torno de um lago artificial de água, sem movimento, sem vida.

Córdoba, espanhola por educação literária e religiosa, estacionária e hostil às inovações revolucionárias, e Buenos Aires, toda novidade, toda revolução e movimento (...). Córdoba da Espanha, dos Concílios, dos Comentadores, do Digesto; Buenos Aires, de Bentham, Rousseau, Montesquieu e da literatura francesa inteira.

Domingo F. Sarmiento. Facundo (1845)

a) No primeiro trecho, quais elementos da paisagem urbana Sarmiento evoca para descrever Córdoba? Quais são as diferenças dessa cidade para o urbanismo considerado moderno no século XIX?

b) No campo das ideias, quais são os contrastes evocados por Sarmiento entre Córdoba e Buenos Aires? Reflita sobre essas diferenças.

7. O monumento ao bandeirante Borba Gato, situado na Zona Sul de São Paulo, é alvo de constantes polêmicas. Os trechos abaixo são dois exemplos do debate que ocorre sobre a estátua. Veja:

Se é a imagem revisionista de herói que se quer preservar em Borba Gato, pergunto: o que perderemos se a enterrarmos junto com a feiura da obra, senão o mito fundador da pujança sudestina construída sobre os ossos de indígenas dizimados, estes sim relegados ao esquecimento? Desconheço da tolerância liberal que, iliberalmente, torna assassinos em santos e usa do poder do estado para vigiar 24h a versão oficial da história. (...) Choro, ao invés, pelos monumentos que não erguemos.

Thiago Amparo. “O Borba Gato deve cair”. Folha de São Paulo, 14 de julho 2020

O documento cruel sobre o passado é um ponto de partida. Precisamos aprender a desconfiar das imagens, dos monumentos, muito mais que simplesmente celebrá-los. Enquanto uma estátua de um bandeirante estiver na praça, a discussão sobre a memória dos bandeirantes e o massacre das populações indígenas, isso estará vivo. A partir do momento em que aquilo sai da praça, da rua, da vista, esse assunto pode simplesmente fenecer. Sumir.

Paulo G. Marins. “‘Destruir uma estátua não resolve, é preciso discutir a memória’, diz historiador”. Uol, 11 de jun. de 2020

O primeiro texto foi escrito pelo professor de Direito da FGV, Thiago Amparo; o segundo, pelo curador do Museu Paulista, Paulo Garcez Marins. Com os trechos em mente, responda:

- a) Compare a forma como os autores pretendem lidar com o monumento.
- b) De acordo com os autores, o que a figura do bandeirante Borba Gato representa? Eles concordam ou discordam?
- c) Redija um pequeno texto que apresente argumentos contrários e favoráveis a ambas as abordagens.

GABARITO

1 - E	2 - C	3 - B	4 - A	5 - D
-------	-------	-------	-------	-------

6.

a) Sarmiento evoca o espaço apertado, monastérios, conventos e outros elementos religiosos. Ressalta também que não há ruas largas e arborizadas. Os contrastes são: a grande quantidade de elementos religiosos e a falta de caminhos públicos amplos como no estilo francês.

b) Córdoba: elementos do discurso religioso e do passado colonial; Buenos Aires: obras de filosofia do Direito e de filosofia do Estado da Europa Ocidental. As diferenças marcam o contraste entre uma cidade presa no passado colonial e outra que busca ser o símbolo da modernidade, do positivismo e do liberalismo do século XIX.



América Invertida. Desenho em tinta de Joaquín Torres García, 1943

7.

a) Por um lado, Thiago defende a derrubada do monumento. Por outro, Paulo defende que é preciso preservar a estátua e problematizá-la.

b) Os dois concordam, mesmo que tenham abordagens distintas. Ambos afirmam que a figura do bandeirante representa um passado de violência contra comunidades indígenas.

c) O aluno pode utilizar tanto os próprios textos, como seu conhecimento prévio. Algumas opções:

Contra Thiago: o monumento pode promover a discussão, retirá-lo poderia esconder o debate; retirá-lo seria, também, retirar um patrimônio do bairro, da cidade.

Contra Paulo: deixar o monumento ainda exalta a figura do bandeirante; não existem monumentos para as comunidades indígenas dizimadas, essas sim destinadas ao esquecimento; a memória do bandeirante já está muito afirmada, a derrubada da homenagem não a apagaria, sem impedir o debate.



BIBLIOGRAFIA

AGULHON, Maurice. “La statuomanie et l’histoire” in **Histoire Vagabonde**, I. Paris: Gallimard, 1988.

AMPARO, Thiago. Borba Gato deve cair. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/thiago-amparo/2020/06/borba-gato-deve-cair.shtml>>. Acesso em: 2 de ago. 2020.

BOLÍVAR, Simón. **Escritos políticos**. Introdução de Graciela Soriano. Campinas: Unicamp, 1992

GUTIÉRREZ VIÑUALES, Rodrigo. **Monumento conmemorativo y espacio público en Iberoamérica**. Madrid: Cátedra, 2004.

MARINS, Paulo G. 'Destruir uma estátua não resolve, é preciso discutir a memória', diz historiador. **UOL**, São Paulo, 11 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/06/11/destruir-uma-estatu-a-nao-resolve-e-preciso-discutir-a-memoria-diz-historiador.htm>>. Acesso em: 2 de ago. 2020.

PRADO, Maria L. Bolívar em várias versões. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 de jan. de 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2101200707.htm>>. Acesso em: 11 de ago. de 2020.

PRADO, Maria L.; SOARES, Gabriela P. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2019.

ROMÃO, Luciana. “Memória e espaços em disputa em San Carlos de Bariloche: o caso do monumento ao Gen. Roca no Centro Cívico” in **Revista Ara – FAUUSP**, São Paulo, n.3, 2017.

SARMIENTO, Domingo F. **Facundo**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977

SCARELLI, Rafael Dias. "Da devoção à explosão: manifestações populares de adesão e contestação à estatuária urbana de Lima (1859-1921)" in **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, nº 27, Ago./Dez., 2019, pp. 310-346.

SOARES, Gabriela P. **Simón Bolívar**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, Fundação Memorial da América Latina, 2008. 96 p. (Coleção Fundadores da América Latina; v.2)

SCHWARCZ, Lilia. Está na hora de ressignificar nosso espaço público. Canal do Youtube: Lili Schwarcz, São Paulo, 10 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uzsCjye262Y>>. Acesso em: 12 de ago. de 2020.

Recebido em: 26/09/2021

Aprovado em: 17/03/2022